

A pergunta central de nossa pesquisa – como abordar o ensino religioso de modo significativo aos seus sujeitos, num contexto de secularização, pluralismo religioso – obteve uma resposta particular em função do que nos diz a mística inaciana sobre o ser humano.

Em busca de um caminho, apresentamos, em primeiro lugar, a perspectiva catequética desse ensino. Este foi desenvolvido a partir da opção da análise dos textos do magistério do papa João Paulo II. Embora faça a distinção entre ensino religioso e catequese, este continua sendo catequético no sentido mais amplo de aprofundar a identidade cristã, como sinônimo de ensino da religião.

Em seguida, tendo uma proposta curricular muito próxima da perspectiva apresentada, fez-se uma pesquisa quantitativa que revelou dados que apontaram para a necessidade de buscar uma nova modalidade desse ensino. Esta deveria ter a pessoa concreta do educando no centro, ser centrada em valores e que contemplasse a pluralidade da sala de aula. Descobriu-se que não se trata de descartar o espaço do ensino religioso, mas de repensá-lo, uma vez que os dados apresentados apostam em seu valor formativo no presente e no seu futuro.

A segunda parte do trabalho buscou na mística apostólica inaciana um caminho que iluminasse as questões apresentadas. Primeiro, vendo o itinerário percorrido pelo próprio Inácio, descobriu-se como o contato com a tradição cristã viva é fonte de valores; depois, apresentando as categorias antropológicas em jogo nesse itinerário, demo-nos conta da necessidade de afetar a pessoa na sua totalidade no processo educativo e, por fim, explicitamos teologicamente a antropologia teológico-espiritual que embasa o currículo do ensino religioso. Inácio crê no fato de que Deus se autocomunica ao homem. Deus se comunica ao ser humano e abre caminho para que o ser humano se comunique com ele (Ex 15,

3-5). Inácio crê que qualquer pessoa, ainda que simples e pouco letrada, se deseja realmente encontrar a Deus e se se abre a Ele, o encontra. Acredita que Deus se comunica amorosamente a todo homem e mulher que se põe diante dele de coração sincero. O processo de evangelização deve buscar estimular essa abertura, essa busca, essa confiança de que Deus não é um monarca distante e perdido em seu céu, mas é um mistério de salvação que se aproxima em graça e se comunica e se doa no amor, colocando-se ao alcance de todos.

A terceira parte, intitulada antropologia espiritual, pretendeu extrair as conseqüências para o ensino religioso propriamente dito e para as dimensões do processo de evangelização escolar que extrapolam o espaço da sala de aula. Nesse caminho, tomou-se em conta o caminho feito pela reflexão sobre o ensino religioso na realidade brasileira. Este, na medida que parte do sujeito concreto, está a serviço da educação da sua religiosidade em suas várias expressões religiosas. A contribuição inaciana situa-se nesse caminho aberto, embora com um caráter específico, qual seja, o de pautar-se pela atitude dialogal, pela busca das respostas construídas no passado e presente para as perguntas que afligem o ser humano e por levar em conta o discurso confessional dos educandos na reconstrução de tais respostas.

O ensino religioso através do conhecimento do fato religioso, em sua afirmação ou negação, pretende superar os obstáculos do positivismo, do cientificismo estreito. É uma tarefa que se desenvolve, portanto, no nível antropológico-cultural.

Ao mesmo tempo, vai abrindo o caminho para o passo seguinte, que será o de ajudar os educandos a partilhar os valores de suas próprias tradições religiosas e os valores laicos, buscando compreender as alteridades presentes no espaço escolar.

Do ponto de vista da evangelização, o ensino religioso funciona como preâmbulo na medida em que, buscando respostas às perguntas antropológicas, colabora na preparação daqueles e daquelas que desejam fazer a experiência de Deus, mediante um processo mistagógico-teográfico. Na medida em que propõe o

diálogo com a diferença, os alunos cristãos poderão manifestar o desejo do aprofundamento de sua própria tradição.

Isso exige pensar, por outro lado, itinerários personalizados que leve em conta o ponto de partida, da situação real dos educandos. Ou seja, é preciso tomar a pessoa humana como centro da proposta curricular, como o seu ponto de partida e seu ponto de chegada. Isto não significa optar por um antropocentrismo, no sentido moderno do termo, mas em ser coerente com o que a Revelação Cristã nos apresenta. Em Jesus Cristo realiza-se a vocação humana. Assim, tomar a pessoa como centro do processo nas demais etapas do processo de evangelização significa tomar o Verbo divino encarnado como o horizonte de contemplação, mediante o processo teográfico-mistagógico, com o propósito de forjar outros tantos ‘cristos’ para os tempos de hoje.⁸⁶⁴

Significa também que a pessoa, em sua totalidade, deve ser considerada neste processo educativo: sentidos, memória, vontade, inteligência, afetos, corporeidade, imaginação e sentimentos. Além disso, a pessoa deve ser considerada em sua singularidade, o que quer dizer que não há um mesmo processo evangelizador igualmente válido para todos, em termos formativos, mas que o mesmo requer processos personalizados.

Pensados desde o contexto escolar, a centralidade da pessoa no processo educativo pede a criação de múltiplos espaços formativos que levem em conta as diferentes atitudes dos educandos perante o fato religioso e cristão. Para os que não tiveram oportunidades de serem iniciados no mistério cristão, em função do contexto familiar ou social, e que desejam fazê-lo, se lhes oferecem espaços em que se desenvolve mais propriamente o processo teográfico-mistagógico. Aqueles cujas famílias não se situam na geografia paroquial e que já foram iniciados na religiosidade cristã podem ser convidados a se prepararem e se iniciarem aos sacramentos da fé, embora se deva ter preocupação pela continuidade dessa experiência ao finalizar o processo educativo escolar.

Para aqueles que não têm nenhuma pertença religiosa e os que se vinculam às demais tradições religiosas, o ensino religioso, ao propor o ensino do

fato religioso a partir das perguntas antropológicas e seus valores constitui-se numa rica oportunidade de dar a conhecer os fundamentos espirituais da cultura ocidental, latino-americana e brasileira.

Para os alunos católicos, com participação nas comunidades eclesiais, o ensino religioso pode ajudá-los no aprofundamento de sua fé e de sua identidade, ao favorecer o diálogo com os diferentes saberes veiculados pelas várias áreas do conhecimento escolar e diferentes tradições religiosas, em resposta às perguntas antropológicas. Pede-se que o educando vá além do domínio das matérias, inclusive dos próprios conhecimentos propostos pelo Ensino Religioso. É essencial que se faça, no processo catequético, a avaliação periódica do seu progresso nas atitudes, nas prioridades e nos modos de proceder, de acordo com o objetivo de ser pessoa para os outros.

Independentemente de qual seja a situação na qual se encontre o educando, a finalidade da evangelização escolar, na visão inaciana, é o desenvolvimento global do indivíduo, que conduz à ação inspirada pelo Espírito e pela presença de Jesus Cristo, Filho de Deus, e homem para e com os outros. Tal finalidade exige que a pessoa, em sentido pleno: mente, coração e vontade, se envolva na experiência educativa. Estimula-o a valer-se tanto da experiência, da imaginação e dos sentimentos, como do entendimento. As dimensões afetivas do ser humano devem ficar tão implicadas quanto as cognoscitivas, pois, se o sentimento interno não se alia ao conhecimento intelectual, a finalidade deste ensino não moverá nenhum educando à ação.

A finalidade da evangelização escolar realiza-se conforme as circunstâncias de lugares e pessoas. Tendo em vista a diversidade religiosa presente na escola, a evangelização terá significados diversos, pedindo, assim, a superação de uma única concepção curricular válida igualmente para todos os alunos. Uma concepção personalizada de evangelização pede tantos diferentes tipos de itinerários quantos forem os posicionamentos diante da experiência religiosa. Aqui se faz necessário criar ofertas diversas: experiências de conhecimento da realidade social da pobreza *in loco*; experiências de inserção

⁸⁶⁴ Esta é uma das principais finalidades apontadas no Documento de Aparecida. A formação nasce de um encontro pessoal e intransferível com o Deus de Jesus (DA, n. 20-22).

social mais efetiva através do serviço voluntário; experiências de meditação e contemplação e tantas outras.

Creemos que a antropologia espiritual seja capaz, ao lado das demais ciências da religião, de oferecer alguma contribuição para o currículo do ensino religioso, embora o discurso teológico tenha que apostar também em sua relevância e sobrevivência no futuro da academia como objeto de conhecimento. Nesse momento, a teologia poderá compor determinado aspecto desse currículo, ao lado das outras disciplinas das ciências da religião, ainda que haja resistência em relação à sua classificação como ciência da religião. Ainda assim, mesmo se futuramente este reconhecimento não se consolidar, nem por isso sua contribuição se tornará irrelevante ao processo de formação da cidadania ⁸⁶⁵ a partir da vida escolar.

Acreditamos que o que foi revelado pela pedagogia e mística inaciana tem um caráter de universalidade que não pode ser desconsiderado, ainda que seja um dos modos de interpretação da realidade, ao lado de outras interpretações validadas e com as quais deva dialogar.

Vimos que para Inácio, Deus é o Criador e Senhor, a única realidade absoluta (Ex 15, 16). Todas as demais realidades procedem Dele e têm valor somente se a Ele conduzem (Ex 23). Ao mesmo tempo, Ele está presente em nossas vidas, trabalhando por nós em todas as coisas, conforme nos revelou a contemplação da encarnação (Ex 101-109) e a Contemplação para alcançar Amor (Ex 230-237). Ele pode ser descoberto pela fé em todas as coisas, de modo especial no íntimo de cada indivíduo (Ex 15). Cada homem ou mulher é especialmente conhecido e amado por Deus.

Por si só, essas afirmações ofereceram as bases para se estabelecer um frutífero diálogo com a concepção do ensino religioso assumida pela CNBB. Tudo o que é humano não pode ser indiferente ao cristianismo. É nesse contexto - dos Exercícios Inacianos - que podemos falar de um “humanismo cristão”,⁸⁶⁶

⁸⁶⁵ Segundo Xabier Etxeberria, o cristianismo dispõe de algumas virtudes que tem alcance público que se encontra e contribui para a construção da cidadania (Cf. XABIER ETXEBERRIA, *Religión cristiana y virtudes públicas de la ciudadanía*, Iglesia Viva, v. 202, 2000, p. 61-85).

⁸⁶⁶ A Companhia de Jesus, desde sua origem no século XVI, orientou-se pelo desenvolvimento e transmissão de um autêntico humanismo cristão. Este tinha sua fonte na experiência espiritual

especialmente a partir da Contemplação para Alcançar Amor, que possibilita uma aproximação com outros humanismos religiosos e laicos presentes no universo da sala de aula.

Como vimos, na Contemplação para alcançar Amor, Inácio leva o exercitante a pedir conhecimento interno de como Deus habita nas pessoas, dando-lhes o conhecimento e plasmando-as à sua Imagem e semelhança. Ele também nos leva a considerar como Deus trabalha e opera em todas as coisas criadas, em benefício de cada pessoa. Este conhecimento da relação de Deus com o mundo implica que a fé em Deus e a afirmação de tudo o que é verdadeiramente humano são inseparáveis. “Esta espiritualidade habilitou os jesuítas a se apropriarem do humanismo da renascença (...). A fé e o fomento da ‘humanitas’ trabalhavam de mãos dadas”.⁸⁶⁷

A partir da década de 60 do século XX, inspirado pelo Concílio Vaticano II, uma nova forma do humanismo cristão surgiu, com ênfase particular no social. A sensibilidade voltada para a miséria e a exploração dos homens não é simplesmente uma doutrina política ou sistema econômico. “É humanismo, sensibilidade humana que de novo deve ser recuperada em meio aos apelos de nossos dias, e como resultado de uma educação cujo ideal se inspira nos dois grandes mandamentos: amar a Deus e ao próximo”.⁸⁶⁸

Como tal, o humanismo cristão inclui necessariamente o humanismo religioso, social e compartilha, em grande parte, os ideais de outras crenças, de levar o amor a Deus a uma expressão eficaz, à construção de um Reino de Deus justo e pacífico. “O serviço da fé e a promoção da justiça por ele implicado são o fundamento do humanismo cristão contemporâneo”.⁸⁶⁹ O trabalho educativo da evangelização escolar deve visar, além do desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento humano, que comporta compreensão, motivação e convicção.

específica de Inácio e os desafios colocados pela Renascença e pela Reforma na Europa. Cf. BERTRAND, D. *O humanismo desenganado*, In: BINGEMER, (org) et al. (org). *A globalização e os Jesuítas: origens, histórias e impactos*. Anais, vol. I, São Paulo: Loyola, 2007, p. 61-84.

⁸⁶⁷ KOLVENBACH, Pe. Peters-Hans, In: ICAJE. *A pedagogia inaciana hoje*, São Paulo: Loyola, 1993, p. 89

⁸⁶⁸ Ibid., p. 91

⁸⁶⁹ Ibid., p. 92

Nesse sentido, a busca pela ‘excelência humana’ deverá ser a primeira tarefa levada adiante pelo ensino religioso.

Os valores do Evangelho, tais como se contemplam nos Exercícios Espirituais, “são as normas norteadoras de um desenvolvimento humano integral”.⁸⁷⁰ Um objetivo educacional,

“orientado para valores - formar homens e mulheres para os outros - não se poderá alcançar sem que, tendo imbuído deste objetivo todos os nossos programas docentes, em cada nível, apresentemos a nossos alunos, a possibilidade de refletir sobre os valores implicados no que estudam”.⁸⁷¹

A pedagogia dos Exercícios está centrada na formação da pessoa, coração, inteligência e vontade e não exclusivamente do entendimento; provoca os alunos a discernirem o sentido do que estudam, mediante a reflexão, em vez de uma memorização rotineira.⁸⁷² Esta pedagogia poderá iluminar qualquer perspectiva curricular do ensino ainda que não brote da tradição de fé.

O humanismo cristão do início do século XXI, além de assumir o humanismo religioso e social, é desafiado a desenvolver novas dimensões em resposta ao atual contexto sócio-econômico-cultural que afeta o ocidente e, sobretudo, a realidade empobrecida da América Latina e Caribe.

A globalização gerou uma cultura mundial que afetou todas as culturas, dando lugar, muitas vezes, a um processo de homogeneização e a políticas de assimilação que negam o direito de indivíduos e grupos a viverem e desenvolverem as suas próprias culturas.

Neste mundo novo de comunicação imediata e de tecnologia digital, de mercados mundiais e de aspiração universal à paz e ao bem-estar, enfrentamos tensões e paradoxos crescentes: vivemos numa cultura que mostra inclinação para autonomia e para o tempo presente, e, contudo, temos um mundo com grande necessidade de construir um futuro em solidariedade;

⁸⁷⁰ Ibid., p. 112

⁸⁷¹ Ibid.

⁸⁷² Ibid., p. 113

“temos melhores meios de comunicação, mas experimentamos freqüentemente isolamento e a exclusão; o mundo é cada vez mais transnacional e, no entanto, necessita de afirmar e proteger as identidades locais e particulares; o conhecimento científico atingiu os mistérios profundos da vida, contudo a própria dignidade da vida e o mundo em que vivemos continuam ameaçados”.⁸⁷³

A globalização acelerou a expansão de uma cultura dominante. Essa proporcionou a muitos um amplo acesso à informação e conhecimento, um sentido acentuado do indivíduo e da liberdade para escolher e a abertura a novas idéias e valores em todo o mundo. Ao mesmo tempo, essa cultura dominante é marcada pelo subjetivismo, relativismo moral, hedonismo e materialismo prático, levando a uma visão errada e superficial de Deus e do homem.⁸⁷⁴

Vivemos num mundo de muitas religiões e culturas. A erosão das crenças tradicionais e a tendência para homogeneizar as culturas fortaleceram diversas formas de fundamentalismo religioso. Estas mudanças nos convidam a ir às fronteiras da cultura e da religião.

No mundo globalizado há forças sociais, econômicas, políticas que facilitaram a criação de novas relações entre as pessoas, mas existem outras que romperam os laços de amor e solidariedade dentro da família humana. Nesse sentido, segundo a visão inaciana, é preciso colaborar para a reconciliação, o que se fundamenta na fé profunda no Senhor que chama para trabalharmos juntos no serviço do Reino de Deus e para a instauração de relação correta entre as pessoas e a criação.

A reconciliação deve se estender na relação com a criação. Pe. Kolvenbach convidou a todos a “mostrar uma solidariedade ecológica mais efetiva na nossa vida espiritual, comunitária e apostólica”.⁸⁷⁵ É um convite para assumirmos a responsabilidade da nossa casa, a terra. O cuidado com o meio ambiente afeta a qualidade da nossa relação com Deus, com os seres humanos e com a própria criação.

Portanto, o humanismo cristão, nesse momento, é provocado a levar adiante a tarefa de reconciliar o ser humano com Deus, com os outros seres

⁸⁷³ CG 35., dec. 3, 11

⁸⁷⁴ Ibid, dec. 3, 20

⁸⁷⁵ CG 34, dec. 2, n. 2

humanos e com toda a criação, o ambiente e a natureza, sem deixar a dimensão social. Nesse horizonte, deve-se buscar os pontos comuns entre o humanismo cristão, o humanismo religioso e também o humanismo laico, para juntos, assegurar a sobrevivência humana e do universo.

Assim, em relação à formação para a cidadania - objetivo principal dos atuais Parâmetros Curriculares Nacionais - não se pode desconsiderar a contribuição do humanismo cristão na sua constituição, sobretudo, naquilo que ele tem de fermento crítico e de capacidade de configurar o ser humano como ser para os demais e de construção de uma sociedade justa e solidária. Porém, o diálogo entre os humanismos citados exige aprofundamento posterior e só poderá ser frutífero se colocado em perspectiva adequada. O quadro sinótico apresentado é apenas um indicativo de que, da fonte dos Exercícios Espirituais, poderá surgir os conteúdos fundamentais para o ensino religioso numa perspectiva aberta e plural, bem como as mediações necessárias aos demais processos de evangelização levados adiante no mundo escolar. O desafio que se coloca é o de estabelecer o diálogo com as ciências pedagógicas e psicológicas no sentido do levantamento das perguntas religiosas fundamentais em cada fase da existência e de ver como a busca do sentido da vida pode ser devidamente educada.